

DE CRICIÚMA PARA O MUNDO: REARRANJOS FAMILIARES DOS NOVOS MIGRANTES BRASILEIROS

Gláucia de Oliveira Assis

Florianópolis, Ed. Mulheres, 2011, 348 p.

O livro *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros* é fruto da tese de doutorado de Gláucia de Oliveira Assis, defendida em 2004, no Programa de Doutorado em Ciências Sociais da Unicamp. A obra articula as categorias de gênero, as redes sociais – situadas em uma perspectiva transnacional – e as relações familiares, revelando com grande sensibilidade as diversas nuances cotidianas e complexas das trajetórias dos migrantes internacionais, a partir do estudo aprofundado de uma das regiões que ganharam destaque como importante ponto de partida nos fluxos emigratórios brasileiros – a cidade de Criciúma, em Santa Catarina.

O livro enfoca o impacto do processo migratório nas relações familiares e de gênero procurando analisar como as relações entre homens e mulheres são reconstruídas no processo migratório de Criciúma para a região de Boston nos Estados Unidos. Com este olhar, a autora nos permite visualizar como se dá a reprodução, negociação e redefinição das posições de gênero na unidade familiar a partir do processo migratório. Os conflitos e ambiguidades que se fazem presentes nas relações familiares tornam a análise dos papéis de homens e mulheres migrantes mais complexa e instigadora, uma vez que a autora problematiza tais categorias e aponta para seu caráter dinâmico.

O gênero é adotado como um *princípio classificatório* que atravessa o movimento migratório e que, juntamente com outras categorias, configura as oportunidades para homens e mulheres no decorrer desse

processo. Segundo a autora, desde o momento da partida, a escolha de quem vai migrar, os motivos da migração, a permanência ou o retorno ocorrem articulados numa rede de relações que envolvem gênero, parentesco e geração.

A análise das redes sociais nos estudos sobre migração enfatiza as relações tecidas entre parentes, amigos e conterrâneos e como estas agem no sentido de facilitar a migração. Isso implica o entendimento da migração em termos de um projeto econômico, familiar e afetivo – o qual envolve no processo aqueles que partiram e aqueles que ficaram – apontando evidências e características transnacionais.

Ao incluir a perspectiva de gênero na análise do processo migratório, a migração deixaria de ser vista apenas como um projeto individual, em que o migrante calcula os riscos do processo e parte deixando sua família, seus amigos e seus laços sociais. Tal aspecto também é corroborado pela unidade de análise escolhida pela pesquisadora: *a família*, uma vez que as relações em rede permitem que as relações familiares se reconfigurem, ao invés de se dissiparem.

Esta perspectiva é incorporada pela autora, de forma original, a partir da premissa de que as relações de parentesco, amizade e de origem comum sugerem relações diferenciadas para homens e mulheres, não sendo neutras em relação ao gênero, o que implica em uma inserção diferenciada de homens e mulheres na migração internacional. Ao assumir esta linha de argumentação, a autora traz elementos teóricos e empíricos que complexificam a análise das redes sociais e fornece subsídios importantes para os estudos atuais sobre migração e gênero.

Na introdução, a autora apresenta elementos da pesquisa de campo, a qual envolveu o acompanhamento da realidade na sociedade de origem, Criciúma/SC, a partir de um levantamento sociodemográfico, e na de destino, a região de Boston nos Estados Unidos, a partir da realização de observação e entrevistas. Com o objetivo de localizar os emigrantes e seus familiares a fim de reconstruir suas redes de relações, foi utilizada a técnica de bola de neve, a qual se utiliza das próprias redes sociais dos migrantes. É importante salientar que a autora agrega a experiência obtida em pesquisas anteriores para o amadurecimento de ideias, coleta de dados e viabilidade da pesquisa, fato que é recorrentemente lembrado por ela.

No primeiro capítulo, a autora traz a questão da invisibilidade das mulheres nos estudos migratórios. Segundo ela, foi a partir de esforços de pesquisadoras feministas, no sentido de chamar a atenção para a parcela feminina neste contexto, e também a partir de uma maior visibilidade numérica da participação das mulheres nos fluxos migratórios na contemporaneidade que o gênero se tornou uma categoria reconhecidamente necessária neste campo de estudo.

O estudo de Gláucia de Oliveira Assis tem impacto nas teorias da migração, não apenas pela ampla pesquisa bibliográfica feita na literatura específica de gênero, mas porque atualiza a visão de que as mulheres migram apenas como acompanhantes de seus maridos e filhos, revelando que, na atualidade, a participação delas ocorre como trabalhadoras migrantes, as quais contribuem ativamente para a composição da renda domiciliar, o que implica em uma redefinição de sua posição nas relações de família e de gênero. Dessa forma, evidencia a visibilidade das mulheres como sujeitos ativos no processo migratório e resgata, de forma afirmativa, o papel desempenhado por elas nas articulações das redes que aí se formam. A autora, mais do que aos números, se atenta ao papel dos processos, dos discursos e das identidades de gênero. Segundo ela, o enfoque nas mulheres é importante não apenas porque elas vivem experiências migratórias de forma própria, mas também porque são influentes agentes no estímulo a outras migrações.

No segundo capítulo, a metodologia quantitativa e qualitativa é complementada por uma densa retomada de elementos históricos da cidade, que se faz fundamental para entender o contexto dos *novos migrantes* e também os elementos subjetivos que afetam, direta ou indiretamente, a formação de um imaginário que relaciona a migração a um ato positivo no contexto de Criciúma. A autora destaca a influência da descendência italiana para os fluxos migratórios de cricumenses para os Estados Unidos, o que gera, segundo ela, impactos diretos e indiretos na tomada de decisão dos migrantes efetivos e em potencial. Nesse sentido, traça o perfil desses migrantes: jovens solteiros, homens e mulheres, que fazem parte da quarta geração de imigrantes italianos.

As ideias suscitadas ao longo do livro tomam corpo no terceiro capítulo, no qual fica clara a posição da autora de que a migração acontece por fatores econômicos associados ao amadurecimento das

redes sociais, o que explicaria o motivo de os migrantes criciumenses partirem para os Estados Unidos e não para a Itália, local onde boa parte deles poderia usufruir de melhores condições de trabalho, devido à dupla cidadania. Isso corrobora para a desconstrução da ideia de que a escolha do país de destino é feita com base na origem étnica dos migrantes.

Ainda neste capítulo, a autora aprofunda a perspectiva do projeto de *fazer a América* e o acesso ao consumo que a migração para os Estados Unidos permite. Melhorar o padrão de vida revela o sonho de consumo dos migrantes brasileiros, um sonho que já não se realiza com a migração para os grandes centros urbanos e que faz com que os criciumenses busquem a migração internacional. A aquisição de bens e equipamentos representa o sucesso do empreendimento migratório, assim como a aquisição da casa, do carro e do comércio. As remessas e investimentos no país de origem também são indicativos do projeto migratório e sua realização, além de contribuírem para a manutenção de laços simbólicos entre quem partiu e quem ficou.

É por meio das redes sociais que os migrantes criam nexos que os ligam em uma complexa rede de obrigações e reciprocidades que são importantes nos primeiros momentos e na permanência do migrante no país de destino. As principais redes evidenciadas na pesquisa são as de parentesco, amizade e origem comum, sendo pouco representativo o papel das agências de turismo e igrejas para este *help* (palavra que a autora utiliza para explicar a ajuda inicial que os migrantes concedem a seus parentes, amigos e conterrâneos) e nem para viabilizar a migração.

Os direitos e responsabilidades desempenhados nas redes são informados pelas normas de gênero e de parentesco, assim, as redes não atuam da mesma forma para todos os seus membros. Homens e mulheres, além de viajarem acompanhados por diferentes integrantes de sua rede de parentesco, no momento de arranjar emprego, têm acessos a diferentes recursos das redes de amigos e parentes, o que traz implicações na forma de inserção no mercado de trabalho.

Nesse sentido, as diversas configurações que as relações familiares podem assumir no processo migratório, as mudanças no *status* conjugal, as redefinições nas posições de gênero, as negociações de masculinidades e feminilidades, separações e/ou novos rearranjos afetivos e familiares são retratados com profundidade.

O quarto capítulo é marcado por uma imersão profunda na história de vida dos e das migrantes. A autora faz uma descrição dos sonhos, perspectivas, conflitos, dificuldades e superações envolvidas nas trajetórias dos/as migrantes, casados/as ou solteiros/as e suas redes de relações. Mostra que as famílias se articulam em função do projeto migratório e envolvem outros membros de sua rede de parentesco para a realização do empreendimento. Ademais, a reunião familiar afeta significativamente o projeto migratório redimensionando o tempo de permanência, o planejamento do retorno e as expectativas em relação à legalização. Nesse sentido, a autora destaca que o projeto migratório individual vincula-se a projetos familiares e que quando estes se modificam geram conflitos e rearranjos nessas relações.

Tal afirmação é elucidada a partir do *negócio da faxina*, o qual implica em uma nova configuração dos atributos de gênero, misturando e redefinindo os papéis desempenhados por homens e mulheres. O empoderamento e autonomia financeira que esta atividade propicia, especialmente para as mulheres, muitas vezes gera conflitos nas relações pessoais, contribuindo também para a diversificação das percepções, no contexto migratório, sobre a masculinidade e feminilidade. Tudo isso leva a autora a concluir que o projeto de emigrar não é apenas destruturador das relações familiares, mas também uma realidade que possibilita novos arranjos familiares e de gênero.

Todas as questões e elementos suscitados pela autora em sua análise sobre migração e relações de gênero situam-se no contexto de um mundo em que o capital, a mercadoria e a informação circulam livremente, enquanto os trabalhadores migrantes são os que mais têm dificuldade de trânsito. Nesse sentido, a migração internacional seria uma das facetas mais complexas do mundo globalizado, uma vez que constitui uma expressão contundente da rearticulação entre o global e o local, criando um campo social entre os dois lugares – o transnacional. A partir deste aporte, as redes sociais, acionadas no contexto da migração e as questões de gênero que atravessam as trajetórias dos migrantes marcam a inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho, o tipo de ajuda recebida/oferecida, suas oportunidades e limitações, revelando a importância da perspectiva trazida pela autora no estudo da migração internacional.

Por fim, o livro *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros* combina elementos teóricos com ricas evidências empíricas e revela a grande habilidade da autora em construir uma narrativa fluida, leve e extremamente agradável aos leitores, inclusive para aqueles não iniciados no tema. A sensibilidade com a qual os relatos das entrevistas são reportados elucida a complexidade e a riqueza dos laços subjetivos envolvidos nas trajetórias dos e das migrantes internacionais, sendo uma grande contribuição para este campo de estudo.

Tuila Botega

Mestranda no Programa de Estudos Comparados sobre as Américas no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC/UnB); bolsista do Observatório das Migrações Internacionais - Obmigra e auxiliar de pesquisa no Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM/Brasília).